

## Capítulo I

A noroeste do Estado de Washington, montanhas de granito alcançam o céu enevoadado, seus picos inacessíveis mesmo nesta era de helicópteros e aventureiros munidos de alta tecnologia. As árvores nesta parte do país crescem densas e bloqueiam até os mais fortes raios do sol. Somente nos meses mais brilhantes de verão os alpinistas conseguem encontrar o caminho de volta aos seus carros, estacionados no acostamento da estrada.

Escondida em meio a essa floresta escura, encontra-se a pequena cidade de Last Bend. Ao chegarem à cidade, os visitantes se deparam com um lugar que só poderiam ter imaginado encontrar nos intrincados caminhos de suas imaginações. Ao caminhar pelas ruas, muitos juram ter ouvido um som similar a uma gargalhada. Imagens antigas lhes vêm à mente, como por exemplo, o gosto da limonada que suas avós preparavam ou o ranger da porta que levava à varanda nas noites quente de verão.

Last Bend foi fundada há mais de cinquenta anos, quando um escocês chamado Ian Campbell desistiu de voltar para sua casa em Edimburgo e saiu em busca de aventura. Em algum lugar, ao longo do caminho – a lenda da família afirmava ter sido em Wyoming – ele começou a escalar uma montanha e passou os dez anos seguintes procurando por duas coisas: aquela que seria sua última escalada e um lugar para deixar sua marca.

Encontrou o que vinha buscando na cordilheira North Cascade. Ali, onde o Homem das Neves era mais do que uma lenda contada ao pé das fogueiras e onde gigantescos blocos de gelo deslizavam pelos rios durante o ano todo, ele decidiu se estabelecer. Aproximou-se o máximo que pôde de Mount Baker e comprou cem acres da melhor terra para pastagem. Naquela época, não passava de um lote em um dos cantos de uma estrada

de cascalho, que acabaria sendo a estrada de rodagem de Mount Baker. Construiu sua cidade ao longo das margens pedregosas do lago Angel e a batizou de Last Bend.

Levou algum tempo para encontrar uma mulher disposta a morar em uma cabana sem eletricidade e água corrente. Finalmente encontrou uma jovem irlandesa cheia de sonhos que combinavam com os dele. Juntos, transformaram a cidade segundo o que suas imaginações ditavam. Ela plantou mudas de bordo japonês ao longo da rua principal e deu início a uma série de festividades e tradições, celebrando o dia em que os blocos de gelo caíam no rio, o Dia das Bruxas na casa mal-assombrada e a busca ao Homem das Neves.

Por fim, Ian e Fiona começaram a construir a casa de seus sonhos, um chalé semicircular assentado em uma pequena colina no centro da propriedade. Nos dias em que o céu ganhava um tom azul mais forte, os picos gelados da montanha pareciam tão perto que dava vontade de esticar a mão e tocá-los. No extremo oeste de suas terras ficava o riacho Angel, uma corrente de água mais densa pelo degelo dos meses de verão. No inverno, o casal podia sentar-se na varanda da casa e ouvir o eco da Angel Falls, a Cachoeira dos Anjos, a poucas milhas de distância.

Agora a terceira geração dos Campbell vivia naquela casa. E ali, quase junto ao telhado, havia o quarto de um menino. Aquele não era diferente dos quartos dos meninos de sua época, com direito a um pôster de Batman pregado na parede de madeira, livros, dinossauros de plástico, cobras de mentirinha e miniaturas dos personagens de *Guerra nas Estrelas* espalhadas pelo chão.

Bret Campbell, com nove anos de idade, estava deitado em sua cama, atento ao relógio digital que exibia mesmo no escuro as horas em números vermelhos. Cinco e trinta. Cinco e trinta e um. Cinco e trinta e dois.

Era a manhã do Dia das Bruxas.

Ele planejara acionar o alarme do relógio, mas não soubera como, e se pedisse ajuda, a surpresa que planejava fazer à mãe estaria arruinada. Por isso, atento, mantinha os olhos fixos no visor.

Precisamente às cinco e quarenta e cinco, jogou as cobertas de lado e pulou da cama. Tomou cuidado para não fazer barulho,

puxou uma sacola de debaixo da cama e a abriu.

Não havia luz no quarto, mas também não havia necessidade, pois tinha examinado as roupas noite após noite durante a semana inteira. Era sua fantasia do Dia das Bruxas: um par de botas de caubói, colete de couro, camisa de flanela, calça jeans e, melhor do que tudo, uma estrela brilhante de xerife e um cinto para a pistola. O pai até tinha feito uma cartucheira que podia ser presa ao cinto.

Bret despiu o pijama e vestiu rapidamente o traje, deixando para trás o cinto, a arma, a cartucheira e o chapéu. Não precisaria de nada daquilo por enquanto.

Saiu para o corredor. Deu uma olhadela nos outros dois quartos. Ambas as portas estavam fechadas e não havia nenhuma luz que pudesse ser vista pelas frestas. Claro que a irmã de dezesseis anos, Jacey, estava dormindo. Tivera jogo de futebol no dia anterior. O pai passara a noite inteira com um paciente no hospital, então também devia estar cansado naquela manhã. Somente sua mãe teria acordado cedo e estaria no estábulo, pronta para montar, às seis horas.

Depois de abotoar o colarinho da camisa, ele desceu os últimos degraus da escada. Seguiu até a cozinha escura, alcançando a porta e abrindo-a bem devagar.

Na varanda, visualizou a sombra do que lhe pareceu ser um homem, mas logo se lembrou. Era o espantalho que ele e a mãe tinham feito na véspera.

Seguiu apressado para o estábulo de dois andares que o avô construía. Bret sempre admirara o avô famoso que não chegara a conhecer. O homem que tinha deixado seu nome nas ruas e prédios e montanhas; alguém que de alguma forma soubera que Last Bend deveria ser ali.

As histórias das aventuras do avô tinham sido contadas e recontadas, e Bret queria ser igualzinho a ele. Era por essa razão que estava acordado assim tão cedo em uma manhã do Dia das Bruxas. Ia convencer sua superprotetora mãe que estava pronto para cavalgar sozinho à noite até a Cachoeira dos Anjos.

Segurou a tranca de ferro da porta e a levantou.

Os cavalos se moveram sem grande alarde dentro das baias.

Bret acendeu as luzes e apressou-se a ir até onde estava a sela da mãe. Deixou-a cair duas vezes devido ao peso, até conseguir equilibrá-la no braço. Seguiu direto para a baía de Bala de Prata.

Ali parou. Jesus, Bala de Prata parecia maior naquela manhã!  
*O vovô nunca sentiu medo.*

Bret respirou fundo e abriu a porta da baía.

Após várias tentativas, conseguiu colocar a sela sobre o animal e apertar as amarras.

Levou a égua até o centro da arena. As luzes lá no alto pareciam delinear tanto a ele como o cavalo, o que o deixou feliz. Afinal, isso o lembrava de que estavam no Dia das Bruxas.

Bala de Prata baixou a cabeça e bufou, batendo os cascos no chão, e Bret puxou o arreio.

— Calma, menina — disse ele baixinho, tentando não demonstrar medo. Era desse jeito que sua mãe falava com os animais. Comentava que qualquer um poderia domar o animal mais arisco se fosse calmo e paciente.

A porta do estábulo rangeu e finalmente foi aberta.

Era a mãe de Bret. Atrás dela, os raios de sol conferiam um colorido avermelhado aos seus cabelos. Bret não conseguia enxergar bem o seu rosto, mas via sua silhueta, escura contra a claridade, e podia ouvir o clique-clique de suas botas. Então ela parou, levando uma mão aos olhos.

— Bret? Querido, é você?

Bret levou Bala de Prata até ela, que estava parada com as mãos nos quadris. Usava um longo suéter marrom e calças pretas de montaria; as botas já estavam cheias de poeira. E olhava para ele com um daqueles olhares de mãe.

Bret torceu para que ela sorrisse. Em seguida deu um puxão na guia com força e conseguiu fazer a égua parar no mesmo instante, do mesmo jeito como lhe haviam ensinado.

— Eu a selei sozinho, mamãe. — Bret acariciou o pelo macio da égua. — Ela não cooperou, mas eu ajustei a sela como devia.

— Você se levantou bem cedo no Dia das Bruxas e selou minha égua para mim?

Ela se inclinou e desmanchou o cabelo do garoto.

Ajoelhou-se no chão empoeirado. Mikaela era assim, não se

preocupava em sujar a roupa, e gostava de encarar os filhos nos olhos. Pelo menos era o que costumava dizer. Tirou a luva de couro da mão direita e a deixou cair. Não ligou, já que se entretinha em acariciar o rosto de Bret.

— Então, jovem cavaleiro, o que tem em mente?

Essa era outra particularidade dela. Nunca se conseguia enganá-la. Parecia que tinha uma espécie de visão de raios X.

— Quero cavalgar à noite até a cachoeira. No ano passado você me disse que talvez me deixasse quando eu fosse mais velho. Bem, agora estou um ano mais velho e mantenho a baía bem limpa e escovo Scott todos os dias. Já ganhei não sei quantas fitas azuis de mérito. E agora selei sua égua enorme. Se eu fosse à Disneylândia, com certeza seria cumprimentado pelo Mickey.

Mikaela sentou-se sobre os tornozelos. Talvez tivesse entrado algum cisco em seus olhos, pois estavam marejados.

— Você não é mais o meu bebê, não é?

Ele se agachou, fingindo ainda ser pequeno a ponto de poder subir no colo da mãe. Com leveza, Mikaela tomou o arreio da mão de Bret e foi envolvida pelos braços dele ao redor de seu pescoço. Beijou-o na testa e o abraçou com força.

— Bem, creio que qualquer garoto capaz de selar este cavalo esteja mais do que pronto para sua cavalgada noturna. Estou orgulhosa de você.

Bret soltou um grito de entusiasmo e a abraçou.

Mikaela levantou-se e ali ficaram, juntos e de mãos dadas.

— Agora tenho de treinar Bala de Prata por uma hora antes que Jeanine chegue aqui para pegar os cavalos. Tenho milhões de coisas para fazer hoje antes da brincadeira de “gostosuras ou travessuras”.

— Posso ficar para ver?

— Conhece as regras?

— De novo, mamãe?...

— Muito bem, nada de conversa e não desça da cerca.

Bret riu.

— Por favor, querido, pegue meu capacete?

Ele correu para a sala dos arreios e selas. Logo encontrou o capacete de veludo preto. Quando voltou viu que a mãe já

montara Bala de Prata, as mãos enluvadas descansando no pescoço do animal.

— Obrigada, querido. — Ela se inclinou, depois colocou o capacete.

Enquanto Bret se acomodava em seu ponto favorito na cerca da arena, a mãe já estava na pista de treino. Observou-a dar voltas e voltas para aquecer o animal. Por vezes trotavam, andavam ou corriam a ponto de se confundirem em um só borrão.

Depois de tantas vezes observando, Bret sabia quando o cavalo já estava aquecido e pronto para saltar. Os sinais eram evidentes, embora imperceptíveis a olhos desavisados. No entanto, ao mesmo tempo que sabia a hora certa, soube prever que algo estava errado.

— Espere, mamãe! O obstáculo está no lugar errado. Alguém deve ter mexido...

Mas Mikaela não o ouviu, pois tentava reassumir o controle de Bala de Prata.

— Calma, menina, vá mais devagar. Acalmese...

Bret chegou a ouvi-la quando passaram na sua frente. Queria pular da cerca, mas isso não lhe era permitido, não enquanto ela saltava.

E de qualquer forma, já era tarde demais. Mikaela estava junto ao obstáculo. O coração de Bret pareceu saltar do peito. *Alguma coisa estava errada.* As palavras se agigantaram em sua mente e lhe dificultaram a respiração. Ele queria gritar, mas sua garganta estava travada.

Bala de Prata saltou sobre o obstáculo com facilidade.

Bret ouviu o grito de triunfo da mãe e sua risada.

Ele teve apenas um segundo de alívio.

Então Bala de Prata parou de repente.

Num segundo a mãe estava rindo, no segundo seguinte voava do cavalo, terminando por chocar a cabeça contra uma estaca com tanta força que a cerca inteira tremeu. E então ela ficou ali no chão sujo, o corpo contorcido como um papel amassado.

Não se ouviu som algum, exceto a respiração agitada de Bret. Até a égua estava silenciosa, parada como se nada tivesse acontecido.

Bret pulou da cerca e correu para a mãe. Caiu de joelhos e viu o sangue escorrendo de debaixo do capacete, manchando os cabelos escuros.

— Mamãe? — chamou, tocando e sacudindo o ombro dela.

O cabelo ensanguentado caiu para o lado e então ele viu que o olho esquerdo da mãe estava aberto.

A irmã de Bret, Jacey, foi a primeira a escutar o grito. Veio correndo à pista, coberta com o enorme casaco do pai.

— Bret...

Então ela viu a mãe, deitada ali.

— Oh, meu Deus! Não toque nela! — berrou para Bret. — Vou chamar papai.

Bret não conseguiria se mover mesmo que quisesse. Ficou ali parado, olhando para a mãe caída, rezando em silêncio para que ela acordasse.

Finalmente o pai correu na direção deles.

Bret se levantou e ergueu os braços, mas Liam passou por ele sem parar. Ficou parado, sem conseguir respirar o suficiente para chorar. Mantinha o olhar preso ao sangue que escorria pelo rosto da esposa. Jacey também veio e ficou parada a seu lado.

Liam se ajoelhou, deixando cair no chão sua maleta de médico.

— Agente firme, querida — ele murmurou.

Em seguida, com todo o cuidado, tirou o capacete, entrea-briu-lhe os lábios e colocou os dedos entre os dentes da esposa. Mikaela tossiu e Bret viu que havia sangue nos dedos do pai. Havia sangue por toda parte.

— Agente firme, Mik — Liam continuava repetindo a mesma coisa. — Estamos todos aqui com você... fique conosco...

*Fique conosco...* Isso significava “não morra”... o que significava que ela *poderia* morrer.

— Ligue para a emergência, rápido! — Liam pediu a Jacey.

Os três ficaram ali, parados e silenciosos, pelo que pareceu horas, até que uma ambulância com as sirenes ligadas entrou na pista de corrida dos cavalos. Os paramédicos correram em

direção a eles.

O coração de Bret batia com tanta força que ele não conseguia ouvir nada à sua volta. Tentou gritar que salvassem sua mãe, mas quando abriu a boca, tudo o que saiu foi um gemido. Fechou a boca e recuou, dando de encontro com a cerca com tanta força que se sentiu tonto. Então, cobriu os ouvidos, fechou os olhos e rezou.

*Ela está morrendo.*

*Lembranças passam por sua mente sem seguir uma ordem específica, algumas tingidas com o doce aroma das rosas depois da chuva de primavera, outras cheirando à areia da margem do lago onde ela fora beijada pela primeira vez. Algumas recordações... muitas delas... a envolviam num manto de arrependimento.*

*Eles a estavam removendo, colocando seu corpo em uma estranha cama. As luzes eram tão brilhantes que ela não conseguia abrir os olhos. Um motor roncou e o movimento a fez sentir mais dor. Oh, Deus, doía muito...*

*Podia ouvir a voz do marido, sons macios e amorosos que a haviam guiado nos últimos dez anos de sua vida, e embora não conseguisse ouvir a voz de seus filhos, sabia que estavam ali, olhando para ela. Mais do que tudo no mundo, ela queria uma chance de dizer alguma coisa a eles, mesmo que fosse apenas um som, um sinal, alguma coisa...*

*Lágrimas ardentes desceram-lhe dos cantos dos olhos e deslizaram para as orelhas, caindo no travesseiro que havia atrás de sua cabeça. Desejou evitá-las, para que as crianças não as vissem, mas não tinha controle algum sobre isso, assim como tampouco podia mover a mão e acenar um adeus.*

*Mas talvez nem estivesse chorando. Quem sabe sua alma apenas estivesse escapando do corpo em lágrimas que ninguém podia ver.*

Quando era bem jovem, Liam Campbell não tinha conseguido sair de Last Bend tão cedo quanto gostaria. A cidade parecia tão pequena, espremida dentro da mão de seu pai. Em toda parte as



peçoas o comparavam ao pai famoso, e ele se sentia insignificante. Até mesmo em casa, sentia-se invisível. Seus pais estavam tão apaixonados que simplesmente não sobrava muito espaço para um menino que lia livros e sonhava em ser pianista.

Para sua própria surpresa, ele havia sido aceito em Harvard. Quando terminara o segundo grau, compreendera que não era bom o suficiente para ser um pianista, pelo menos não um dos grandes, um concertista. O melhor pianista de Last Bend, até mesmo o melhor de Harvard, não era bom o suficiente. Ele poderia ser professor de música em alguma escola particular de prestígio, talvez, mas seu talento não incluía o poder, ou a raiva, ou até a paixão característica dos melhores entre os melhores. Assim, deixara de lado o sonho da juventude e voltara sua atenção à medicina. Se não era talentoso para entreter as pessoas com suas mãos, acreditava que tinha pelo menos a capacidade de curá-las.

Estudara noite e dia, sabendo que um homem quieto como ele, tão reservado e comum, precisava se superar. Formara-se em primeiro lugar na faculdade e assumira um emprego que surpreendera até seus colegas de classe, em uma clínica para aidéticos no Bronx. Era o começo da epidemia, e as pessoas estavam apavoradas. Mas Liam acreditava que ali, em meio ao verdadeiro sofrimento, ele descobriria o homem que pretendia ser.

Em corredores que cheiravam a morte e desespero, ele fazia diferença na vida dos pacientes, mas nenhuma vez pudera dizer: “Você está bem. Está curado”.

Em vez disso, dispensava remédios que não faziam muita diferença e segurava com força aquelas mãos que a cada dia se tornavam mais fracas. Assinara tantos atestados de óbito até não conseguir mais segurar a caneta sem ser tomado pelo horror.

Quando sua mãe morrera de um súbito ataque cardíaco, ele voltara para casa e ficara ao lado do pai, que, pela primeira vez, precisava de seu filho único. Liam pretendia deixar a cidade, mas então conhecera Mikaela...

*Mik.*

Graças a ela, encontrara seu lugar no mundo.

Agora estava em um hospital, esperando ouvir que ela viveria...

Ele e os filhos estavam ali havia apenas algumas horas, mas parecia ser uma eternidade. Os filhos estavam na sala de espera. Ele podia vê-los, abraçados, chorando, Jacey secando as lágrimas do irmão. Gostaria de estar com eles, mas não sabia se seria capaz de controlar o desespero.

— Liam?

Ele deu um pulo ao ouvir seu nome.

O dr. Stephen Penn, chefe da neurologia, estava parado à sua frente. Apesar de terem a mesma idade, cinquenta anos, Stephen parecia mais velho e cansado. Haviam jogado golfe juntos durante anos, mas nada em seu relacionamento os preparara para um momento como aquele.

— Venha comigo. — Stephen tocou no braço de Liam.

Caminharam lado a lado pelo austero corredor e entraram na unidade de terapia intensiva. Liam notou o modo como as enfermeiras dali desviavam o olhar, pesarosas. Por fim entraram em uma sala fechada por vidros, onde Mikaela estava em uma cama, atrás de uma cortina. Parecia uma boneca quebrada, presa às máquinas: um respirador e monitores que controlavam todo o funcionamento de seu corpo, desde os batimentos cardíacos até a pressão intracraniana.

— O cérebro dela está funcionando, mas não sabemos a extensão do dano por causa dos medicamentos. — Stephen muniu-se de uma agulha e a enfiou no pé de Mikaela, não dizendo nada quando ela não reagiu. Fez outros testes, dos quais Liam podia acessar os resultados junto a ele. — O neurocirurgião de plantão está pronto para agir, caso seja necessário, mas ainda não identificamos nada que exija cirurgia. Nós a estamos hiperventilando, controlando a pressão e a temperatura. Estamos atentos a qualquer sangramento... Bem, você sabe que estamos fazendo todo o possível.

Liam fechou os olhos. Pela primeira vez em sua vida, desejou não ser médico. Preferiria não ter noção da realidade da condição de Mikaela. Não tinha intenção de falar, mas não conseguiu reprimir as palavras.

— Não sei como viver sem ela...

Quando Stephen se voltou para o amigo, viu uma expressão

de tristeza e compreensão em seus olhos. Por um breve segundo, deixara de ser um especialista para ser apenas um homem, um marido, que compreendia a dor do outro.

— Bem, saberemos mais amanhã, se... — Ele não completou a frase, não era necessário.

*Se ela sobreviver a esta noite.*

— Obrigado, Stephen.

O médico começou a sair, mas parou à porta.

— Sinto muito, Liam.

Sem esperar por resposta, deixou a sala. Quando ele voltou, havia várias enfermeiras com ele. Juntos, eles tiraram Mikaela do quarto para mais exames.

*Coragem*, Liam disse a si mesmo quando foi ao encontro dos filhos. Jacey estava sentada em uma cadeira de vinil vermelha junto à loja de presentes, lendo uma revista. Bret estava no chão com uns brinquedos que o pessoal do hospital mantinha para as crianças.

*Ajude-me, meu Deus*, Liam rezou, trêmulo.

— Olá, pessoal — ele disse em voz baixa.

Jacey se pôs imediatamente em pé, a revista que lia caindo no chão. Os olhos estavam inchados de tanto chorar, os lábios trêmulos.

— Papai?

Bret não se levantou. Empurrou os brinquedos e ergueu o rosto.

— Ela morreu? — perguntou ele, em tom de derrota.

— Não, Bret. — Liam suspirou, sentindo as lágrimas voltar a seus olhos.

*Droga*. Prometera a si mesmo que não choraria, não na frente das crianças. Elas precisavam de sua força naquele momento difícil.

Liam ajoelhou-se ao lado do filho e o tomou nos braços, apertando-o. Gostaria de ter algo para dizer ao menino, alguma coisa mágica, que afastasse o medo. Mas não havia nada a não ser “temos de esperar para saber”, e isso estava longe de ser um conforto.

Jacey se ajoelhou ao lado do pai e Liam abraçou a ambos.

— Ela está mal agora — ele informou, falando pausadamente, escolhendo as palavras. Como poderia contar às crianças que a mãe deles podia morrer? — Ela sofreu uma batida muito forte na cabeça. Precisa de nossas orações.

Bret se aninhou mais nos braços do pai e começou a tremer. Quando Liam olhou para ele, viu que estava com o dedo polegar na boca.

A visão foi chocante, porque Bret parara de chupar o dedo quatro ou cinco anos antes.

Liam soube, então, que dali por diante seus filhos passariam a conhecer a terrível verdade da qual ele e Mik haviam tentado a todo custo poupá-los: que o mundo podia ser um lugar assustador, e que às vezes, em um único instante, a vida podia mudar drasticamente.

As horas de vigília se arrastaram. Por fim, a noite chegou e Liam e os filhos continuavam na sala de espera. Fazia horas que estavam no mais absoluto silêncio.

Às oito horas ouviram passos vindos do corredor. Liam levantou-se imediatamente. *Por favor, que não sejam más notícias...*

O namorado de Jacey, Mark Montgomery, entrou na sala.

— Jacey? Eu acabei de saber...

A garota correu para os braços dele, soluçando.

— Ainda não pudemos vê-la — ela murmurou enquanto Mark a levava até o sofá, e juntos se sentavam.

Às nove horas, Stephen entrou na sala. Liam, que tinha o filho no colo, colocou-o na cadeira ao lado e se levantou.

— O estado dela não se alterou. Não há nada mais que possamos fazer por ela esta noite. — Abaixou a voz. — Leve seus filhos para casa, Liam. Tente dormir um pouco. Falaremos amanhã cedo. Eu ligo para sua casa se o quadro mudar.

Liam suspirou. Sabia que seria difícil entrar em casa e não encontrar a esposa. Stephen bateu no ombro do amigo, então virou-se e deixou a sala.

— Vamos para casa, crianças. Voltaremos amanhã cedo.

Jacey se levantou. Mark fez o mesmo, olhando para a

namorada, depois para Liam.

— Vamos para a festa da casa mal-assombrada, Jacey. Talvez... talvez você possa ir comigo.

Jacey sacudiu a cabeça, mas depois da insistência do pai e de Mark, acabou concordando, com a condição de ser avisada pelo celular de qualquer novidade.

— Papai... estou com fome — choramingou Bret, assim que a irmã saiu.

— Oh, filho, sinto muito. Vamos para casa.

Só então, Liam notou as roupas que o filho estava usando. Roupa de xerife. Uma fantasia. Ah, a casa mal-assombrada. Dia das Bruxas.

*Droga.*

Eram quase nove e meia. Por algumas poucas horas, por toda a cidade, as crianças se vestiam de astronautas, alienígenas e princesas e iam à tal casa mal-assombrada de Last Bend.

— Quer participar da brincadeira de “gostosuras ou travessuras”, filho?

Bret balançou a cabeça. Liam entendeu que não havia clima para comemorações.

Juntos, saíram do hospital na noite fria de outubro. Quando chegaram em casa, a porta da garagem se abriu, como se estivesse descortinando um silencioso buraco negro.

Liam pegou o filho pela mão e o levou para dentro de casa. Nada estava fora do lugar, apenas quieto demais. Estava sem cabeça para pensar em jantar.

— O que acha de sairmos para jantar fora?

— Está bem, vou me trocar!

Jacey voltou para casa mais cedo do que Liam esperava, parecendo arrasada. Mal falou uma palavra; em vez disso, beijou o rosto do pai e seguiu para o quarto.

Quando Liam teve certeza de que os dois filhos dormiam, foi até o escritório de Mikaela, abriu a porta e acendeu a luz.

A primeira coisa que notou foi o perfume no ar, suave e doce. A escrivanha estava cheia de papéis. Fechou os olhos

e a imaginou sentada ali, com uma xícara de café na mão, escrevendo pelo computador carta após carta em defesa de animais negligenciados.

Ele foi até a escrivaninha, ligou o computador, entrou na internet e começou a pesquisar “danos cerebrais”. Durante a hora seguinte, leu sobre o sofrimento de outras pessoas. Anotou em um papel pequenas informações, títulos de livros, especialmente de medicamentos. Mas sabia bem que não havia nada a fazer a não ser esperar.

No andar de baixo, serviu-se de uma dose dupla de tequila. Depois seguiu até a janela que dava para o pasto. Os cavalos não podiam ser vistos na escuridão da noite, mas estavam lá. Uma dúzia de cavalos que Mikaela salvara, vindos de diferentes lugares e nas mais variadas condições.

Amava-a por ter um coração terno, além de várias outras qualidades. De repente se deu conta de que fazia tempo que não dizia à esposa o quanto a amava. Nunca fora muito jeitoso com palavras, mas demonstrava seu amor, a toda hora. Contudo, sabia que as palavras eram também muito importantes. Desejou se lembrar da última vez que lhe dissera que ela era o sol e a lua para ele, o mundo inteiro.

Serviu-se de outra dose de tequila.

Ela podia morrer...

Não, ele não deixaria sua mente trilhar esse caminho. Mikaela acordaria logo, a qualquer minuto, e ainda ririam juntos do pânico que o acometia. Fechou os olhos e imaginou-a a seu lado no sofá. Desejou tocá-la, beijar seus lábios, mas sabia que ela não estava lá, e sim dentro de seu coração.

— Papai? — Uma voz titubeante o chamou da escada.

Ele secou os olhos e se levantou. Atravessou a sala e subiu as escadas.

Bret estava de pijama.

— Não consigo dormir, papai.

Liam pegou o filho nos braços e o levou para o quarto principal, colocando-o em sua cama.

— Ela estava olhando para mim.

Liam abraçou o menino com mais força. Era irônico que,

ainda na semana anterior, ele tivesse pensado que Bret estava crescendo rápido, e que agora o menino em seus braços parecesse tão novinho e, desde aquela manhã, regredindo. Era algo com que ele precisaria lidar... mais tarde.

— Quando você viu mamãe, os olhos dela estavam abertos. É isso que está me dizendo?

— Ela estava olhando para mim, mas... ela não estava lá. Não era ela.

— Ela estava muito machucada para fechar os olhos e agora está machucada demais para abri-los de novo.

— Amanhã eu posso ver a mamãe?

Liam pensou em como Mikaela estava, toda ligada a fios e máquinas. A imagem seria terrível para uma criança. Ele sabia bem como eram essas lembranças, pois havia visto o pai no mesmo estado. Algumas coisas, uma vez vistas, nunca mais eram esquecidas.

— Não, filho, acho que não. O hospital não permite que uma criança entre na UTI. Você vai poder ver a mamãe quando ela melhorar e for para o quarto.

Liam ficou na cama até Bret adormecer, então, bem silenciosamente, deixou o quarto. Dessa vez preparou um chá. Talvez fosse mais eficaz do que tequila.

O telefone tocou, mas Liam o ignorou. No quarto toque, a secretária eletrônica foi acionada. Ele não estava preparado para ouvir a voz suave e rouca de Mikaela na mensagem de saudação. Fechou os olhos.

— *Você ligou para a residência dos Campbell, e escritório de inverno do programa de recuperação de cavalos Whatcom County. No momento, não podemos atender...*

Quando a mensagem acabou, outra voz foi ouvida.

— *Hola, dr. Liam. Aqui é Rosa. Estou retornando...*

Liam pegou o telefone.

— Rosa?

— Dr. Liam? Desculpe-me por ligar tão tarde, mas eu estava trabalhando no turno da noite no restaurante e...

— Mik sofreu um acidente — ele interrompeu, enquanto ainda tinha capacidade de articular as palavras. Então, respirando fundo, contou o que acontecera.

— Estarei aí amanhã — informou a moça depois de uma breve pausa.

— Obrigado — disse Liam, somente naquele momento compreendendo o quanto precisava da ajuda dela. — Vou lhe arrumar uma passagem de avião.

— Não. Chegarei aí mais cedo se for de carro. Vou sair bem cedo, de manhã. Dr. Liam... ela vai...

*Ficar bem.*

— Esperemos que sim — ele respondeu à pergunta incompleta.

Rosa Elena Luna caminhou até o pequeno altar em sua sala de visitas e cuidadosamente acendeu duas velas votivas. Finos pontos de luz brilharam dentro do vidro vermelho. Em seguida ajoelhou-se e juntou as mãos, começando as orações.

Mas as palavras familiares não diminuíram a pressão que sentia no peito. Lágrimas invadiram seus olhos e ali ficaram. Ela aprendera muito tempo atrás que as lágrimas eram apenas gotas de água que não tinham poder algum de curar.

Agarrou a perna da mesa e se levantou. Pela primeira vez em muitos anos, desejou falar com William Brownlow. Olhou para o aparelho de telefone pendurado na parede.

Ele não seria de ajuda alguma, claro. Não se viam havia anos. Mesmo sendo o pai biológico de Mikaela, jamais fora seu pai de verdade. Tinha outra família. Passara quinze anos na cama de Rosa, mas cada momento tinha sido roubado de sua esposa e de seus filhos legítimos.

Ele não viria ajudar a filha bastarda.

Rosa ficou parada na sala escura. O luar se infiltrava na sala pelas frestas da cortina, iluminando o sofá comprado em uma liquidação e parte das pinturas religiosas nas paredes. Não foram poucas as vezes em que Mikaela e Liam tinham tentado convencê-la a mudar de casa, ou mesmo aceitar dinheiro para reformá-la, mas ela sempre se recusara. Afinal, sua história de



amor tinha começado ali, naquela casa, que nunca deveria ter aceitado. Contudo, parecera seguro na época, um presente de um homem que a amava. Doce ilusão, quando ela ainda acreditava que ele deixaria a esposa!

O amor deles tinha sido proibido, errado. Rosa sempre soubera que pagaria por seus pecados. Nem as tantas confissões que vinha fazendo poderiam limpar sua alma, mas... nunca imaginara perder Mikaela!

— Por favor, Deus, salve *mi hija*...

Novamente, o silêncio. Suspirou, cansada, caminhou para seu pequeno quarto, pegou uma valise do armário e começou a fazer a mala.